



BOLSONARO, CIRO GOMES E HADDAD: ANÁLISE DO TEMPO DAS ENTREVISTAS VEICULADAS NO JORNAL NACIONAL NO PERÍODO ELEITORAL EM 2018

BOLSONARO, CIRO GOMES AND HADDAD: ANALYSIS OF THE TIME OF INTERVIEWS VEICULATED IN THE NATIONAL NEWSPAPER IN THE ELECTORAL PERIOD IN 2018

Nicole Fernandes¹

Rafael Forcassin²

Melissa Carolina de Moura³

RESUMO: O presente artigo analisa as entrevistas realizadas pelo Jornal Nacional (REDE GLOBO, 2018) com os candidatos à presidência, entre os dias 27 e 30 de agosto e em 14 de setembro de 2018. Baseia-se em pesquisa bibliográfica sobre os conceitos de jornalismo político, história do telejornal Jornal Nacional, da Rede Globo e no método de análise de conteúdo das entrevistas dos três candidatos melhores colocados no primeiro turno da eleição de 2018. Percebeu-se que os candidatos não tiveram o mesmo tempo de fala nas entrevistas, pois, segundo os dados trazidos, alguns foram mais interrompidos que outros. Além disso, os temas abordados pelos candidatos não foram os mesmos, além de assuntos importantes como educação e saúde não terem sido discutidos em nenhuma entrevista. O artigo busca contribuir com a discussão sobre imparcialidade da mídia e uso dos meios de comunicação na melhoria da democracia.

¹ Graduanda em Jornalismo pelo Centro Universitário Toledo – UNITOLED0 (Araçatuba, SP, Brasil). Email: nicole_fernandes.10@hotmail.com.

² Graduando em Jornalismo pelo Centro Universitário Toledo – UNITOLED0 (Araçatuba, SP, Brasil). Email: rafael.forca91@hotmail.com.

³ Professora Universitária dos cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Toledo – UNITOLED0 (Araçatuba, SP, Brasil). Mestre em Comunicação e Cultura pela Unimar (2007). Publicitária Unimep (1997). Email: melissa.prof@toledo.br.

Revista Contemporânea: Revista Unitoledo: Arquitetura, Comunicação, Design e Educação, v. 04, n. 01, p. 61-75, jan/jun. 2019.

Palavras-chaves: Jornalismo político; Eleições 2018; Jornal Nacional; Rede Globo.

ABSTRACT: This article analyzes the interviews conducted by Jornal Nacional (REDE GLOBO, 2018) with presidential candidates, between August 27 and 30 and September 14, 2018. It is based on bibliographical research on the concepts of political journalism, the history of Globo TV's Jornal Nacional, and the method of content analysis of the interviews of the three best candidates placed in the first round of the 2018 election. It was noticed that the candidates did not have the same speaking time in the interviews, because, according to the data, some were more interrupted than others. In addition, the topics addressed by the candidates were not the same, as well as important issues such as education and health have not been discussed in any interview. The article seeks to contribute to the discussion about media impartiality and the use of the media in improving democracy.

Keywords: Political journalism; Elections 2018; National Newspaper; Rede Globo.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo analisa as entrevistas dos candidatos à Presidência da República, realizadas pelo Jornal Nacional, entre os dias 27 e 30 de agosto e no dia 14 de setembro de 2018.

Buscou-se identificar o tempo que cada candidato teve para falar sobre determinado assunto e quais foram os temas abordados nas entrevistas. Além disso, será possível analisar como os jornalistas decidiram abordar os temas e qual foi o tema mais abordado com cada candidato, buscando compreender, assim, o posicionamento da emissora na condução das entrevistas.

Antes da análise das entrevistas, foram percorridos os conceitos de jornalismo político e além do resgate da história do Jornal Nacional, telejornal veiculado pela Rede Globo.

2. JORNALISMO POLÍTICO

Para entender a ética e a evolução do mesmo na sociedade brasileira. Foi preciso resgatar alguns conceitos sobre o jornalismo e qual é o papel social do jornalista. De acordo com Santos (2014, p.1) o jornalismo “surgiu no século XV e desde o princípio esteve ligada

às novas tecnologias com a invenção da prensa por Gutenberg e continuou a se desenvolver com o advento das novas tecnologias.”

“Objetividade, imparcialidade e verdade na narração dos fatos constituem os pilares dos valores éticos exigidos para o jornalista durante o exercício profissional” (SANTOS, 2014, p. 5). Partindo desse princípio, entende-se que, para que haja um jornalismo, é necessário que o mesmo seja isento na análise dos fatos e ao fazer isso, ser instrumento de fortalecimento da democracia. É importante também que o jornal fale sobre a comunidade no qual está inserido.

O jornal precisa continuar contando sobre nós. Precisamos de algum modo aprender a conhecer nossa comunidade e seus negócios da mesma maneira íntima que as conhecemos nas aldeias do campo. O jornal precisa continuar a ser o diário impresso a comunidade-lar. Casamentos e divórcios, crime e política precisam continuar a compor o corpo principal de nossa notícia. A notícia local é a verdadeira matéria da qual a democracia é feita (PARK, 1923, p. 38 *apud* SANTOS, 2014, p. 7).

Segundo Martins (2008), o jornalismo político praticado no Brasil nem sempre seguiu o modelo de objetividade e imparcialidade que existe hoje. Na década de 50, por exemplo, os jornais não tinham o menor problema em esconder a preferência eleitoral pelo candidato brigadeiro Eduardo Gomes (UDN) em detrimento da candidatura de Getúlio Vargas (PTB), que acabou vencendo a eleição. Nas eleições de 2002, a imprensa cobre as eleições em um tom praticamente neutro, não sendo possível identificar com clareza se havia apoio para Luís Inácio Lula da Silva (PT) ou para José Serra (PSDB).

Para Martins (2008, p. 19), essa mudança ocorreu graças ao processo de modernização, que aumentou os custos do produto jornalístico. Assim, foi preciso escrever para um público plural, com as mais variadas opiniões políticas para conseguir uma escala de tiragens economicamente viável. Logo, para atingir esse público, os jornais deixaram de ser partidários. “Daí a necessidade da isenção da cobertura jornalística, ou pelo menos da busca da isenção”.

Os jornais deixaram de opinar sobre os fatos e passaram a interpretá-los. De acordo com Martins (2008, p. 22):

Interpretação e opinião não são a mesma coisa. São semelhantes, porque ambas buscam ir além do fato em si e dar uma explicação a ele. Mas não são também muito diferentes. A opinião, no fundo, apenas se alimenta do fato para reafirmar um ponto de vista prévio. Já a interpretação é uma primeira leitura do acontecimento, é uma

tentativa de juntar e relacionar seus vários fragmentos no momento em que ela está ocorrendo. A primeira fecha o foco em cima de uma explicação e quer passar certezas. A segunda, ao contrário, buscar abrir o leque de possibilidades e sugerir linhas de raciocínio. Uma é taxativa, tem respostas definitivas; a outra é indagativa, no máximo tem ideias preliminares.

Sobre as questões éticas do jornalismo, Martins (2008, p. 32-33) diz que não existe um manual para lidar com situações ambíguas, como por exemplo, receber convites para jantar ou uma garrafa de vinho de presente. É preciso refletir sobre cada caso para fazer uma avaliação correta sobre o que é certo e o que é errado. Porém, o jornalista tem uma série de lealdades que devem ser respeitadas.

Nós, jornalistas, respondemos, simultaneamente a numerosas lealdades no exercício de nossa profissão: às fontes, aos colegas, à categoria, aos chefes, à empresa em que trabalhamos, à nossa carreira, à sociedade etc. [...] Alguma vezes, essas diferentes lealdades se complementam ou estão em harmonia. Outras, porém, trombam entre si. Em caso de conflito, qual deve se sobrepor a todas as outras? Qual é a nossa primeira lealdade, enfim? Responder corretamente a essa pergunta é crucial para o jornalista e não deve haver ambiguidades na resposta: no exercício da profissão, por mais importantes e legítimas que sejam todas as demais lealdades, elas devem estar sempre subordinadas à lealdade à sociedade. É esta última que faz do jornalismo o que ele é

Martins (2008, p. 35) enfatiza que sociedade é diferente de opinião pública. “Opinião pública é a opinião predominante na sociedade (ou em seu segmento mais ativo e participativo) em um determinado momento. Não se confunde com a própria sociedade cujos interesses, objetivos e definições são permanentes e consolidados. Logo, o jornalista não deve se ater à opinião pública, mas sim pensar no que é de interesse da sociedade.

Para compreender melhor o jornalismo político, iremos observar o cotidiano do jornalista dessa área. De acordo com Martins (2008), o profissional precisa conversar com muita gente, pois muito da disputa política se resume a versões diferentes de um mesmo fato, afinal, políticos mentem pois são treinados para enganar os outros. Para não ser enganado, o jornalista precisa conversar com todo mundo que tenha qualquer tipo de informação para contrapor à informação oficial dada pelo político.

“O repórter político não pode limitar a cobertura aos fatos que acontecem entre as quatro paredes do Congresso. Deve estar permanentemente atento às flutuações do estado de espírito da sociedade e às mudanças de humores da opinião pública” (MARTINS, 2008, p. 53) Assim, é possível perceber o ânimo dos congressistas e prever situações como votações

importantes. Como o meio político é cheio de escândalos, é preciso pensar sobre a preservação das fontes das informações. É o que Martins chama de on e off. “No on, alguém assume a responsabilidade pela informação. [...] Informação em off é aquela que uma pessoa nos dá a condição de que seu nome não apareça na história” (MARTINS, 2008, p. 56). Segundo Martins (2008), jornalistas protegem suas fontes para proteger a liberdade de informação e porque é um direito expresso na Constituição.

Ainda de acordo com Martins (2008), o jornalista não deve desprezar nenhum tipo de informação que lhe é passada, pois ela pode ser válida em uma outra situação, mesmo que, a princípio, não tenha conexão direta com o fato que se está abordando no momento. Deve entender os interesses por trás dos discursos políticos, pois todo político defende interesses e raramente eles ficam explícitos no discurso, é preciso desconfiar se tudo faz muito sentido. Precisa entender a personalidade e os padrões de comportamento dos principais parlamentares para perceber quando existe uma oscilação nesses padrões.

O profissional necessita captar os momentos de virada, pois se demorar para entender que a situação, perderá espaço para o concorrente e deixará o seu espectador/ouvinte/leitor desatualizado. É importante que o jornalista forme sua própria opinião para filtrar e hierarquizar as informações sem deixar que a opinião entre no texto. “Ter opinião não significa ser parcial ou escrever sem objetividade” (MARTINS, 2008, p. 76). O jornalista deve sempre contextualizar a notícia. Deve-se conhecer a história política do Brasil e o funcionamento da máquina pública. O jornalista deve estar adaptado às novas tecnologias, ler jornais, conversar com outros jornalistas.

Para o repórter de política, a época de eleições é das mais importantes, mas também é um momento de muitas tensões por parte dos candidatos e eleitores. Mesmo tendo preferências por um ou outro candidato, o jornalista deve entender que não pode fazer campanha, apenas deve-se manter a isenção e apenas cobrir os fatos. “O importante é cobrir os acontecimentos da campanha com equilíbrio e rigor, compreendendo que a sociedade está dividida e o agudo choque de opiniões é inevitável (MARTINS, 2008, p. 90).

3. JORNAL NACIONAL

O Jornal Nacional estreou em primeiro de setembro de 1969 e foi o primeiro telejornal transmitido em rede nacional. “No início, o Jornal tinha apenas 15 minutos de duração, sendo

transmitido de segunda a sábado” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 33). Atualmente, é transmitido de segunda a sábado, começa entre 20h e 21h e termina entre 21h e 22h tendo aproximadamente uma hora de duração, com as principais notícias do Brasil e do mundo.

O telejornal era parte estratégica de um ambicioso projeto de Walter Clark e José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, Boni, para transformar a Globo na primeira rede de televisão do Brasil. O objetivo era gerar uma programação uniforme para todo o país, diluindo assim, os custos de produção dos programas (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 28)

O jornal nasceu no período do regime militar brasileiro e de acordo com Memória Globo (2004), algumas notícias foram censuradas. “Foram vetadas notícias sobre cassações de mandatos e suspensão de direitos políticos; a denúncia de acordos militares entre Brasil e EUA; a visita da Anistia Internacional; e o afastamento do general Silvio Frota do Ministério do Exército” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 35).

O Jornal Nacional é uma espécie de símbolo do início da formidável ascensão da Rede Globo de Televisão ao virtual monopólio da informação no Brasil, condição à qual não chegou sem estreita cooperação do Estado. Nem assim deixou de ser frequente a ocorrência de confrontos entre o Estado e a Rede Globo, especialmente em situações de maior tensão social, quando não foi rara a utilização da censura (prévia ou posterior) contra a programação produzida por uma empresa tão afinada com os interesses estatais a partir, especialmente, de 1964. (SILVA, 1985, p. 22)

Por ser um jornal de alcance nacional, as matérias sempre foram pensadas para serem de interesse geral, alcançando telespectadores do Brasil inteiro. “Era necessário não superdimensionar uma região em detrimento de outra, pensar sempre em como determinada nota poderia repercutir em estados diferentes” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 39). Devido ao sucesso do Jornal Nacional, houve um grande crescimento da Rede Globo, que ampliou suas afiliadas, como a Globo de Brasília e de Recife.

O texto do Jornal Nacional, apesar de manter um certo grau de formalidade, sempre buscou um tom coloquial e o fácil entendimento, se afastando da pomposidade que até então caracterizava o telejornalismo. Em geral, era feito de frases curtas e simples, pois o noticiário era redigido para ser lido de forma alternada pelos apresentadores. (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 62)

Com o fim do regime, o telejornal passou a acompanhar mais de perto as sessões de Brasília. “Os repórteres da Rede Globo começaram a acompanhar com detalhes o dia-a-dia

dos acontecimentos, como a votação de todas as leis, todos os planos econômicos, a definição de política monetária, a administração das contas públicas e as renegociações das dívidas estaduais” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 179, 182).

O Jornal Nacional durante muito tempo foi apresentado por Hilton Gomes e Cid Moreira. Em fevereiro de 1998, passou a ser apresentado por William Bonner e Fátima Bernardes. O casal de apresentadores ficou à frente do noticiário até dezembro de 2011.

Em relação à cobertura política, o presidente das Organizações Globo, João Roberto Marinho disse em uma reunião do Conselho Editorial em dezembro de 2001: “Devemos estimular a discussão dos problemas e suas soluções e deixar de lado, sempre que possível, a troca de acusações tão ao gosto da crônica política mas que ajuda pouco o eleitor” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 361).

4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Foram coletadas as entrevistas realizadas em 2018 pelo Jornal Nacional com candidatos à Presidência da República para o *corpus* da pesquisa. As entrevistas aconteceram no período de 27 a 30 de agosto e no dia 14 de setembro. O candidato Ciro Gomes foi entrevistado em 27 de agosto, o candidato Jair Bolsonaro no dia 28 de agosto, o candidato Geraldo Alckmin em 29 de agosto, a candidata Marina Silva em 30 de agosto e o candidato Fernando Haddad foi entrevistado em 14 de setembro. Neste artigo, serão analisadas apenas as entrevistas dos três candidatos mais votados no primeiro turno da eleição: Jair Bolsonaro, Fernando Haddad e Ciro Gomes.

No total, todos os candidatos tiveram 27 minutos totais para responder às entrevistas. Eles foram entrevistados pelos apresentadores William Bonner e Renata Vasconcelos sobre temas distintos. O cronômetro não era interrompido durante as perguntas dos jornalistas devido à padronização do tempo, entretanto, os candidatos não tiveram o mesmo tempo de fala devido às interrupções entre eles.

O candidato Ciro Gomes (PDT) falou por 15 minutos e 20 segundos. Jair Bolsonaro (PSL) por 16 minutos e 47 segundos. Geraldo Alckmin (PSDB) falou por 16 minutos e 17 segundos. Marina Silva (Rede) falou por 19 minutos e 30 segundos. Fernando Haddad (PT) falou por 16 minutos e 5 segundos.

Um levantamento feito pela Revista Fórum, apontou que todos os entrevistados foram interrompidos pelos apresentadores enquanto respondiam às perguntas. Ciro Gomes foi interrompido 34 vezes. Jair Bolsonaro teve 36 interrupções. Geraldo Alckmin teve sua fala interrompida 17 vezes. Marina Silva teve 20 interrupções. Fernando Haddad foi interrompido 62 vezes.

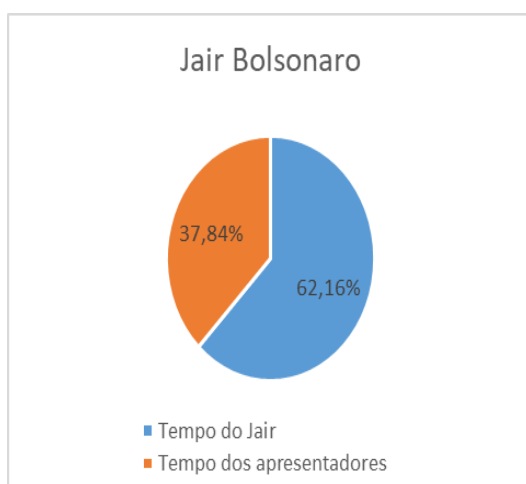
Os gráficos 1, 2 e 3, a seguir, ilustram o tempo de fala de cada candidato. Apresentaremos abaixo os gráficos produzidos para representar os dados acima.

Gráfico 1- Tempo de Fala de Ciro Gomes



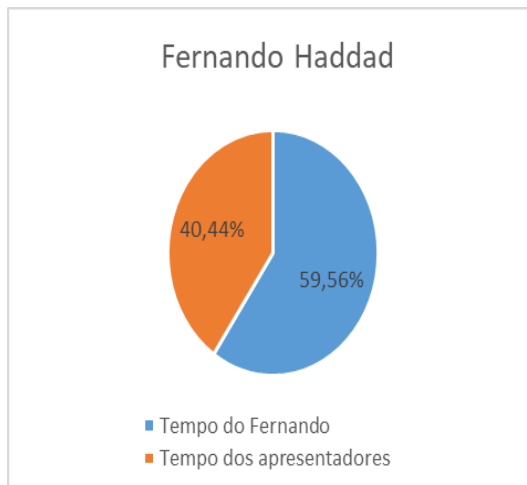
Fonte: Autores (2018).

Gráfico 2 – Tempo de Fala de Jair Bolsonaro



Fonte: Autores (2018).

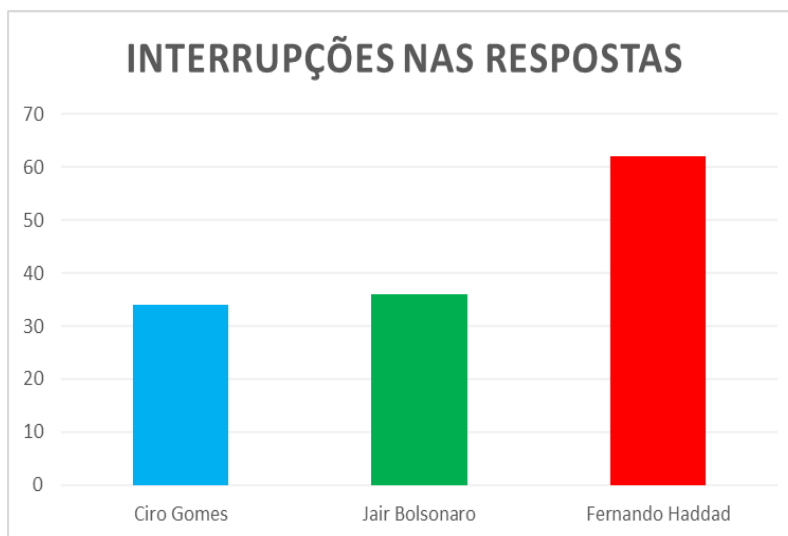
Gráfico 3 – Tempo de Fala de Fernando Haddad



Fonte: Autores (2018).

A seguir o gráfico 4 ilustra o número de interrupções sofridas pelos candidatos durante a entrevista.

Gráfico 4 – Número de interrupções sofridas pelos candidatos



Fonte: Autores (2018).

A seguir, serão apresentados o tempo que cada candidato utilizou para responder sobre os temas educação, questões políticas, segurança pública, saúde, economia e corrupção. Será analisado, portanto, qual foi o tema mais discutido em cada uma das entrevistas e qual tema não foi abordado pelos candidatos.

4.1 Análise da Entrevista de Ciro Gomes

O candidato Ciro Gomes foi entrevistado pelos apresentadores William Bonner e Renata Vasconcelos em 27 de agosto de 2018.

O primeiro tema abordado pelos entrevistadores foi corrupção. O assunto levou 11 minutos e 37 segundos. Questionado sobre seu apoio à Operação Lava-Jato, maior operação de combate à corrupção do país, Ciro disse que apoia a Operação, mas considera que existem abusos e não há equilíbrio, dando o exemplo de que nenhum político do PSDB foi preso.

Logo em seguida, foi perguntado sobre a situação do presidente do seu partido, Carlos Lupi, que é réu por improbidade administrativa no Distrito Federal. Ciro alegou que Carlos Lupi não era réu e que tinha total confiança no presidente do seu partido. Bonner reafirmou que Lupi é réu, informada confirmada depois da entrevista.

Sobre o presidente Michel Temer, Ciro disse que é “uma desgraça para o nosso país”. Sobre o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, Ciro disse que o avisou sobre o esquema de corrupção na Petrobrás, antes do início da Operação Lava-Jato, mas não tinha o ônus da prova e nem acesso aos instrumentos de investigação. Depois disse que “Lula não é um satanás como certos setores da imprensa e da opinião brasileira pensam. E também não é um deus, um anjo, como certos setores metidos a religiosos do PT pensam”.

O segundo tema abordado foi economia. A entrevista levou 5 minutos e 6 segundos falando sobre o assunto. Questionado sobre a proposta de, se eleito, tirar o nome dos brasileiros endividados do SCPC (Serviço Central de Proteção ao Crédito), o candidato explicou que estudou o assunto faz um ano, com especialistas e faria um refinanciamento tirando os juros de 500% para 10%, 12%, em 36 vezes e a prestação seria de R\$ 40 por mês.

O terceiro tema abordado foi segurança pública. A entrevista levou 2 minutos e 30 segundos falando sobre o assunto. Questionado sobre o fato de que durante o governo do seu irmão Cid Gomes, o Ceará passou de 19º para 2º no ranking de estados mais violentos. O candidato disse que isso se deu graças a chegada das facções criminosas no Ceará e que, se eleito, irá liberar metade do efetivo da Polícia Federal para o combate ao crime.

O quarto tema abordado foi alianças políticas. A entrevista levou 7 minutos e 47 segundos falando sobre o assunto. Foi questionado sobre sua aliança com Kátia Abreu, vice-presidente na sua coligação, pois ela defende teses que são o oposto das teses defendidas pela esquerda. Ciro disse que buscou apoio dela pois as ideias deles se complementam. Perguntado

sobre governabilidade e dificuldade de fazer alianças com outros partidos, Ciro disse que depois de eleito, conseguiria manejar essa situação.

Educação e saúde não foram abordados na entrevista.

4.2 Análise da Entrevista de Jair Bolsonaro

O candidato Jair Bolsonaro foi entrevistado pelos apresentadores William Bonner e Renata Vasconcelos no dia 28 de agosto de 2018.

O primeiro tema abordado pelos entrevistadores foi vida política. A entrevista levou 4 minutos e 30 segundos falando sobre o assunto. Os apresentadores questionaram a ideia de que o candidato era o novo na política, pois o mesmo está há 27 anos no meio político e fez da política uma profissão, conquistando seu patrimônio apenas com o salário de parlamentar. Jair respondeu que ele e sua família nunca estiveram envolvidos em atos de corrupção e que isso era o seu diferencial.

Depois disso, o tema foi economia. A entrevista levou 4 minutos e 13 segundos falando sobre o assunto. O apresentador reafirmou a Jair Bolsonaro que o candidato não entende de economia e questionou como seria para o eleitor ter Paulo Guedes, economista da campanha de Jair, como um refém subordinado de um futuro presidente. O candidato disse que Lula não sabia de economia e governou o país e Dilma Rousseff, que entendia de economia, levou o Brasil à crise. Jair Bolsonaro afirmou que tem total confiança em caminhar com Paulo Guedes para governar o país e que “Paulo Guedes é um economista reconhecido, dentro e fora do Brasil”.

Em seguida, o conteúdo abordado foi desigualdade de gênero. A entrevista levou 3 minutos e 52 segundos falando sobre o tema. Questionado que o serviço público garante a igualdade salarial de homens e mulheres, a apresentadora Renata Vasconcelos, afirma já ter lido e ouvido em entrevistas anteriores que o candidato não empregaria mulheres com os mesmos salários que os homens. Ao mesmo tempo, Renata pergunta ao candidato como se explica esse fato às mulheres. Jair Bolsonaro, nega ter dito isso, mas acredita que o fator salarial é uma questão de competência e que a CLT já garante salários iguais para as mesmas funções de homens e mulheres.

O próximo tema abordado foi emprego. A entrevista levou 4 minutos e 48 segundos falando sobre o assunto. Os apresentadores questionam a ideia do candidato de que para ter

mais emprego é preciso ter menos direitos trabalhistas. O candidato afirma que se deve desonerar a folha de pagamento e defende a desburocratização. Sobre a retirada de direitos dos trabalhadores, Jair disse que “quem por ventura tirar direito, não vai ser o chefe do Executivo, vai ser a Câmara e o Senado”.

O tema discutido em seguida foi homofobia. A entrevista levou 3 minutos e 54 segundos falando sobre o assunto. A pergunta foi feita em cima de frases consideradas homofóbicas ditas pelo candidato, como por exemplo, “vizinho gay desvaloriza imóvel” ou “prefiro que meu filho morra se for gay”. Bolsonaro, retruca dizendo que “as declarações foram fortes, foram algumas caneladas. Peço até desculpas, mas foi um momento de temperatura alta em comissões, que quase houve vias de fato em muitas discussões, porque o ativismo LGBT levava para isso”. Ele diz ser contra o lançamento do material chamado “Kit gay”, que alega ser distribuído nas escolas para as crianças, e termina falando não ter nada contra gays.

Segurança pública foi a próxima questão a ser discutida. A entrevista levou 3 minutos e 26 segundos falando sobre o assunto. Questionado sobre suas propostas para o combate da violência no Brasil, o candidato respondeu que só se combate violência “com mais violência ainda”. Disse que se deve dar ao policial e para os agentes de segurança pública a excludente ilicitude, ou seja, eles devem ser condecorados e não processados “se matar 10, 15 ou 20” e que o policial “tem que atirar, se não atirar, não vai resolver nunca”.

O último tema abordado foi aliança política. O assunto levou 2 minutos e 45 segundos. Willian questiona Jair Bolsonaro sobre uma frase de seu candidato a vice, general Hamilton Mourão: “os poderes terão que buscar solução. Se não conseguirem, chegará a hora que nós teremos que impor uma solução”. Perguntado quais soluções seriam essas que os militares teriam que impor para o Brasil, o candidato Jair Bolsonaro disse que isso aconteceu em 64 e afirma não querer nada pela força.

Corrupção, educação e saúde não foram abordadas na entrevista.

4.3 Análise da Entrevista de Fernando Haddad

O candidato Fernando Haddad foi entrevistado pelos apresentadores William Bonner e Renata Vasconcelos no dia 14 de setembro de 2018. A entrevista ultrapassou o tempo limite de 27 minutos, tendo a duração de 28 minutos e 35 segundos.

O primeiro tema abordado foi corrupção. O assunto levou 17 minutos e 53 segundos. A apresentadora Renata afirmou que o PT protagonizou os maiores escândalos de corrupção da história recente do país e perguntou como o candidato iria convencer os eleitores de que a corrupção não vai continuar em um novo governo PT. Haddad respondeu que foi o governo PT que fortaleceu as instituições que combatem a corrupção. Os apresentadores continuaram insistindo que integrantes do governo do PT foram pegos em atos de corrupção pelos mecanismos de controle anticorrupção, independentemente de quem os fortaleceu ou não.

Bonner disse que o Partido dos Trabalhadores tem esta lista imensa de integrantes envolvidos na Lava Jato de alguma maneira e que o Ministério Público diz que havia um sistema de corrupção dentro do Partido e cita que a ex-presidente Dilma Roussef também é investigada. Haddad responde que a Rede Globo condena por antecipação. Bonner rebate dizendo que é jornalista e só faz perguntas.

O jornalista pergunta se houve conspiração no sistema judiciário para prender petistas e o candidato responde que houve erros. Bonner afirma que Haddad é denunciado na Lava Jato e pergunta se isso não o constrange como candidato à Presidência da República. O candidato disse que “tinha exatos 44 dias à frente da prefeitura de São Paulo, quando eu suspendi uma obra por indícios de superfaturamento. Essas duas empresas resolveram me retaliar e, sem apresentar nenhuma prova, foram ao Ministério Público denunciar o que seria o pagamento de uma despesa de campanha que eles não provaram até hoje”.

Sobre política, perguntado sobre sua derrota para a reeleição como prefeito da cidade de São Paulo, Fernando Haddad disse que o eleitor paulistano foi induzido ao erro pois “as informações que ele tinha era que o PSDB era de santos, o PMDB era de santos e o PP era de santos e o demônio do país virou o PT. E isso se provou errado”. O tema política levou 6 minutos e 22 segundos.

O último tema foi economia. O assunto levou 4 minutos e 21 segundos. Renata disse que o governo Dilma deixou 11 milhões de desempregados e perguntou por que os eleitores devem acreditar que, com Haddad, o partido que deixou mais de 11 milhões de desempregados não vai agravar a crise. O candidato não assumiu a culpa do seu partido na crise econômica e disse que “as pautas-bomba e a sabotagem que ela (Dilma Roussef) sofreu, reconhecida pelo presidente do PSDB, teve mais influência na crise do que os eventuais erros cometidos antes de 2014”.

Os temas Educação, saúde e segurança não foram abordados na entrevista realizada pela emissora de TV.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essas análises, pode-se concluir que os candidatos não tiveram, de fato, o mesmo tempo de fala, sendo que, dos três primeiros colocados do primeiro turno, o candidato Ciro Gomes, que terminou em terceiro, foi o que menos falou e o candidato Jair Bolsonaro, que terminou em primeiro, foi o que mais falou.

Em relação aos temas abordados, é possível observar que os candidatos não trataram exatamente dos mesmos temas. Por exemplo, o candidato Jair Bolsonaro abordou seis temas diferentes (política, economia, desigualdade de gênero, emprego, homofobia, segurança pública) e o candidato Fernando Haddad, apenas três (corrupção, política e economia). Além disso, educação e saúde não foram temas abordados por nenhum dos três candidatos.

Logo, percebe-se que o tempo disponível foi desigual, legitimando o posicionamento ideológico parcial do programa jornalístico. Essa imparcialidade poderia ser buscada dividindo a entrevista em temas. Os entrevistados deveriam ter o mesmo tempo para falar sobre cada tema e o cronômetro deveria ser parado se o candidato sofresse alguma interrupção. Outro aspecto que favoreceria a pluralidade do debate proposto seria a elaboração de perguntas enviadas pelo público e selecionadas pela produção do programa.

6. REFERÊNCIAS

MARTINS, Franklin. *Jornalismo político*. São Paulo: Contexto, 2008.

MEMÓRIA GLOBO. *Jornal Nacional: a notícia faz história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

REVISTA FÓRUM. Haddad é interrompido 62 vezes no ‘Jornal Nacional’; Alckmin, 17. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/haddad-foi-interrompido-62-vezes-no-jornal-nacional-alckmin-17/>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

Revista Contemporânea: Revista Uniletoledo: Arquitetura, Comunicação, Design e Educação, v. 04, n. 01, p. 61-75, jan/jun. 2019.

SANTOS, Raissa Nascimento. Jornalismo do Século XXI: Profissão, Identidade, Papel Social, Desafios Contemporâneos. Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0360-1.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. Muito além do Jardim Botânico. 3. ed. São Paulo: Summus, 1985.